

TRABALHO DE CONCLUSÃO DA PÓS GRADUAÇÃO LATU
SENSU
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU
TURMA 2017/2018

RELATO DE VIAJANTE
HABITAR-SE DE: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UM SER EM
ESTADO DE EXPERIÊNCIA

LEA MARIA DE MORAES

**IDEALIZAÇÃO, CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DA PÓS
GRADUAÇÃO:**

PROF^a DR^a HONORIS CAUSA EDITH DERDYK

DIREÇÃO GERAL D'A CASA TOMBADA:

PROF^a DR^a ÂNGELA CASTELO BRANCO TEIXEIRA E PROF^o DR^o
GIULIANO TIERNO DE SIQUEIRA

SÃO PAULO

2018

RESUMO

“A experiência é o que nos passa, o que nos atravessa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (1) LARROSA, p. 18

Percebo que escrever sobre a Pós-Graduação “Caminhada como método para a arte e educação” rompe com o tempo cronológico dos dias e das horas, para uma imersão nos tempos da memória, na tentativa de apreender cada instante que, por sua intensidade, me moveu, me modificou. Busco aqui, registrar o que passou a habitar meu ser durante essa experiência e me transformou, me atravessou na travessia. Aqui, nesse lugar, segue o relato amoroso e, também, consciente de uma experiência vivida ao longo de 18 meses de caminhada tendo como chão a arte e a educação e, como paisagem, o conhecimento compartilhado, comungado e vivido em territórios como a escrita, o saber, a existência, a cultura, a arte, a educação e a vida.

Penso que subvertemos os tempos verbais que orientam nossa compreensão ao buscar expressar o que nos passa e não o que passa. Na caminhada, o horizonte aponta sempre o devir, alojado no território da percepção, do sentir, do caminhar e do caminhante. Só posso falar com experiência daquilo que vivi ou vivo, daquilo que me aconteceu ou acontece, daquilo que me arrebatou e arrebatava.

Nesse transcurso do tempo e das experiências n’A Casa Tombada, percebi e permiti que meu ser fosse habitado pelo outro, pelos outros, seja pela forma de construir conhecimento ou mesmo nos encontros fortuitos ou planejados de cada ciclo. No verbo habitar, encontro formas possíveis para falar de um corpo, em seu estado físico ou mental, que entregue ao processo, percebe-se completamente habitado pela experiência.

Ser habitada em estado de corpo, nessa caminhada foi a descoberta de um olhar de caminhante, mirando a paisagem, tendo todo o corpo e pensamento a absorver o entorno, o dentro e o fora.

Habitar-se durante o ato de caminhar foi permitir impregnar-me, alimentar-me, sentir...

Trocar de olhos ao olhar a paisagem, e sobre paisagens já visitadas, refletidas e anunciadas, colocar o olhar em camada dupla com o que se anunciava.

Escrever sobre a experiência é conectar-me às ancestralidades, nesse gesto atávico de vida: o caminhar aonde, indo e vindo, nos encontramos, nos reconhecemos e existimos.

Este relato é tentativa de transcrever e registrar momentos de atravessamentos e experiências que passaram a existir em mim, transformando e preparando esse corpo-morada, que não é fixo, mas cheio de novos espaços e vãos, para um conhecimento em constante assimilação, e que, assim como o caminho (que se faz ao caminhar), vive e tenta absorver tais processos de transformação, seja pela paisagem seja pelo caminhante em movimento, nessa travessia de vida que se faz da aurora até o luar de todos os dias.

SUMÁRIO

E FOI ENTÃO QUE EU DECIDI, p.

Caminhada transpassada por outros caminhantes, p.

Viajante que se descobriu em muitos, p.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: Uma narrativa sobre o processo criativo e reflexões sobre a experiência, p.

PARTE I

HABITAR A CASA: Um começo, o percurso, p.

PARTE II

CAMINHANTE: O sujeito da experiência, .p.

PARTE III

CAMINHAR NA PALAVRA: Menir no percurso, p.

PARTE IV

HABITAR A CIDADE: Uma reflexão entre território e corpo, p.

PARTE V

HABITAR-SE DE: No humano, a memória dos dias, p.

PARTE VI

DESEJO DE LINGUAGEM: Corpo disponível, p.

PARTE VII

RASTRO DE VIAJANTE: Pausa para olhar a ação, p.

PARTE VIII

MATÉRIA DE RASTROS: O que de fato fica?, p.

PARTE IX

NO CORPO: A experiência, p.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ordinário e o extraordinário de uma decisão, p.

Caminhante no caminho: **GRATIDÃO**. p.

BIBLIOGRAFIA, p.

“...não escolher, mas decidir.”

Giuliano Tierno, Caminhada Interdisciplinar, A Casa tombada, 29 de abril de 2018

E FOI ENTÃO QUE EU DECIDI.

“Só porque ainda queremos continuar vivos, prosseguir.”

(1) LARROSA, p.74

A experiência é um impregnar-se de sentimentos e situações apresentadas em nosso cotidiano. Experiências trazem sentido ao viver, mesmo nas práticas mais ordinárias desse cotidiano. Encontro formas de desenvolver melhor aquilo a que me proponho, por uma direção particular, pois me encontro na experiência de outros novos caminhos e orientações para lidar com assuntos que dizem respeito a meu repertório humano. Toda leitura e todo conhecimento ofertado podem ser tão transformadores em sua potência, que sinto meu corpo como um lugar para deixar habitar tudo isso, e, se me coloco a todo instante em movimento, seja pela abertura ao que vem, seja para ir de encontro ao novo, meu ser consciente se prolonga, se expande como a morada que abriga essas experiências.

Sujeito, ação e objeto estão intrinsecamente juntos, como numa cartografia em construção. Permito-me habitar e ser habitada, tendo a consciência daquilo que me move ao caminho, como caminhante e o que de fato absorvo.

O sentido da palavra caminhar se expandiu ao longo da Pós. Já de início compreendi que se caminha com o corpo e, também, com os olhos e com o pensamento. Nos textos, livros e artigos, sentia esse movimento incrível de deslocamento, percursos e novas paisagens. Descobri que existe um ritmo e um pausar essencial ao viajante, seja nas palavras, seja nas experiências compartilhadas por mim ou por outros. O caminhar é atávico, mas aquele que tem desperta a consciência sobre o ato de caminhar, compreende que caminhamos com toda a plenitude de nossos sentidos humanos.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (1) LARROSA, p. 16.

As palavras com as quais manifesto minhas experiências são uma tentativa de apreensão desse conhecimento, com a veracidade de algo que se instaurou em mim.

Durante o caminhar, fez-se latente esse sentir da experiência - tanto na consciência de que o que se torna experiência é o que nos atravessa quanto o descobrir de que um pensamento de um autor, escritor, artista ou articulador chegava amparando conversas e aulas incríveis em que minhas anotações e pensamentos sobre os assuntos e questões levantadas faziam efervescer muitas reflexões. Nessa bibliografia extensa, alguns autores se anunciavam como uma novidade, outros como uma recordação, mas todos com um sentimento de extrema alegria por captar, em suas obras, um conteúdo, de conhecimentos, que chegavam por diversas áreas do saber.

Caminhada transpassada por outros caminhantes

Na caminhada que fizemos, habitei e fui habitada. Sou morada dessas obras, dessa partilha, desse conhecimento (ofertado sem nenhuma hierarquia), das sugestões, orientações, de pessoas que me atravessaram, seja pela presença e voz, seja pela bibliografia, autor e indicação direcionados ao grupo com o desejo de acrescentar algo a se pensar. Nessa jornada, fomos caminhantes mirando a paisagem, mas cada um com seu olhar, sua bagagem (experiência). O que nos uniu foi a receptividade ao conhecimento na travessia que cada um escolheu para si.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma disponibilidade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (1) LARROSA, p. 25.

Fomos receptores de conhecimento, de experiências compartilhadas, fomos também ativos olhares sobre cada um dos temas abordados, fomos do território das ideias ao mundo da prática, movidos sempre por uma intenção de deslocamento de nosso ser para novas fronteiras que se apresentavam. De forma sincera, potente e providencial, a informação que recebíamos se tornava

conhecimento, agregada ao nosso cotidiano como educadores, artistas e acima de tudo caminhantes. Todo esse caminhar ocorreu na intensidade desse percurso, não se encerrado em si, mas se mostrando cada vez mais aberto a reverberações futuras.

Viajante que se descobriu em muitos

Por ser portadora de deficiência auditiva, e inevitavelmente precisar estar atenta a cada palavra e gesto para poder entender o que se passava, construí, nas palavras dos autores aos quais tive acesso, uma forma de comunicação que confirmava muito do que entendia dos encontros. Em minhas anotações e reverberações ao longo do percurso, se fazia presente a relação entre o conteúdo apresentado, minhas anotações e as leituras propostas, nelas a relação experiência-sujeito, espaço-lugar, pensamento-palavra, cotidiano-praxes, ordinário-extraordinário, foram se mostrando como um pensamento mútuo em forma de escrita, aquela que somada a tudo, me pertence também, como parte incrível de um quebra-cabeça inusitado, criado por mim, para contextualizar tanta coisa, tanto conhecimento e tanto saber.

Nesse contexto, quis muito escrever sobre a experiência e sobre esse habitar-se, que são pensamentos de uma ancestralidade e pertencimento do homem que busca afirmar e compreender seu papel no mundo. Nisso me sinto habitada tanto da minha experiência como da que habita a escrita do outro, e me vejo nas citações como um sujeito em diálogo nesses pensamentos atemporais. As palavras apazíguam, confortam e inquietam o que busquei e busco na construção de um ser de experiências.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada, acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” (1) LARROSA, p.. 21.

Perceber ancestralidades na escrita é algo que me interessa como forma de adentrar o pensamento de um autor, afinal, uma obra se faz no momento em que este deita seu pensamento sobre algo e o expressa em palavras; é como um alinhavar de reverberações que se sucedem e que vão e voltam no transcurso do tempo para apontar modos de ser e estar no mundo.

Minha primeira experiência de perceber conscientemente esse momento, que nomeei como “habitar-se de” aconteceu no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, de Jorge Larrosa Bondía. Quando este cita um fragmento do texto de Walter Benjamin que justifica seu pensamento, entendo essa ancestralidade, pois leio o artigo de Larrosa e enxergo, em sua dialética,

aquele outro (Benjamin) que veio antes e que viu adiante, tendo como referência o devir, uma outra escrita, comum em suas reflexões, mesmo separados por um tempo cronológico.

Leio o artigo de Jorge Larrosa, passo a conhecer a obra de Walter Benjamin e, dessa catarse literária, encontro pontes para estabelecer meu lugar nesse agora, como caminhante, e permito que toda essa experiência, essa escrita e esses autores me habitem e eu habite suas palavras, numa morada feita de muitos; os encontros nos levavam a movimentos, a pausas e a pontos de partida e chegada para o caminhar consciente e sem precedentes, abrindo caminhos e portas para algo que até então desconhecia.

Seja pela possibilidade de imersão e consciência ao longo da caminhada, seja por estar aqui agora, me sinto privilegiada em relatar o que de fato me atravessou nessa travessia.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: Uma narrativa sobre o processo criativo e reflexões sobre a experiência



Figura - 1 - HABITAR-SE DE:

Fonte - Lea Moraes, 2018.

PARTE I

HABITAR A CASA: Um começo, o percurso

Ao longo do percurso, tivemos um lugar de apoio e reflexão para a caminhada, uma morada de nome “A Casa Tombada”. Este lugar foi habitado por todos, numa generosidade sem precedentes. Fizemos d’A Casa nossa casa, um ponto onde nos organizávamos para mais uma imersão nos caminhares propostos, sejam para dentro ou para fora de seu espaço ou de nós mesmos. Sabendo que cada módulo nos trazia a chance de entender a arte e a educação de forma a contextualizar conhecimentos e experiências das mais variadas.

O habitar desse espaço nos deu todo respaldo para aquilo que, dirigido ao coletivo, pudesse ser praticado e assimilado de um modo individual, respeitando o que cada um conseguia absorver nos enunciados e discussões que faziam parte do processo. Penso que o conhecimento é um dos alicerces de nossa vida, o pisar consciente no agora, a honestidade da presença daqueles que nos ofertaram tal experiência e, também, a entrega de cada um, o que construiu de forma singular um caminhar nesse solo fértil.

... o ato de andar assume um papel altamente significativo, na verdade essencial, tornando-se o meio pelo qual os seres humanos aprendem a entender o mundo à sua volta enquanto passam por ele, e a marca que deixam atrás de si não é registrada apenas nos caminhos que deixam em suas esteiras, mas também nas histórias orais e nos textos por meio dos quais essas ações são registradas. (2) COVERLEY, p. 13.

Caminhantes conscientes de nossas escolhas e de nosso momento junto ao que se apresentava n’A Casa, em suas salas, junto aos propositores e sob esse teto, fez-se corpo um corpo dado aos processos, entregue ao momento de troca entre arte e vida.

“Apenas saído do ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Assim, no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim.” (3) BACHELARD, p. 217.

Neste sentido, fomos o caminhante e o caminho, fomos o ser indivíduo que se deu ao coletivo, onde cada pensamento oferecido era como um tijolo feito de partidas, retornos, paradas, aglutinações, movimentos e tensões.



Figura 1 - A CASA TOMBADA – São Paulo

Fonte - Lea Moraes, 2017.

PARTE II

CAMINHANTE: O sujeito da experiência

Se n'A Casa encontramos o necessário à consciência de um lugar para o corpo tomar forma, o caminhar para vivenciar a cidade se apresentou para nós caminhantes como uma percepção da transitoriedade desse corpo que presente na cidade em movimento, é uma parte quase que invisível diante da pressa e dos compromissos do cotidiano, lembrando que nosso olhar e percepção eram instigados a perceber esse encontro como uma existência apresentada de forma latente a quem se possibilitou o processo.

Seja na rua, seja numa ocupação, seja numa deriva coletiva ou individual, ser nômade era uma novidade, um novo olhar ou mesmo consciência sobre o caminhar na paisagem, sobre ser de um lugar, ou de todos os lugares, pertencendo a paisagem como um ser que em movimento percebe o movimento do mundo. Nas ruas, nas estradas, nas palavras, buscar outro lugar e sair de si moveu um corpo que se transformava e se revelava no embate com outro corpo: a existência.

“Não esqueçamos que a própria palavra existência (ek-sitência) evoca o movimento, o corte, a partida, o longínquo. Existir é sair de si, é se abrir a um outro, ainda que através de uma transgressão.” (4) MAFFESOLI, p. 31-32

Nisso, percebi que o caminhar é atávico, ato humano necessário e, quando consciente, de extrema potência para a cultura, a arte e a vida. Mover-se, estar em diferentes paisagens e sair de si na busca por experiências que devolvam de alguma forma percepções tanto do que fomos, onde estamos e para onde caminhamos.

Deslocar-se é trocar de olhar, é se alterar pela paisagem num estado de consciência onde se afirmam costumes, novas condutas, micro sociedades dentro da gigante cidade, que busca e tenciona suas mais distintas formas ao direito a habitar e conviver humano, sendo, cada um, uma diversidade imensa num território comum.

O corpo, assim como o olhar, é nômade - se faz pelo deslocar daquilo que temos como regra e pertencimento dentro da vida cotidiana, nesse corpo-cidade que não dorme, nem sempre acolhe e que, apesar de tudo, respira ininterruptamente.



Figura 3 - MÓDULO I – IMERSÃO NA FAZENDA SERRINHA – Fazenda Serrinha - SP

Fonte - Mariana Galender, 2017.

PARTE III

CAMINHAR NA PALAVRA: Menir no percurso

“Deixar que a palavra “experiência” nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre.”

(1) LARROSA, p. 75.

Para mim, a palavra instaurou-se na caminhada como um menir. No território dos livros, bibliografias e textos compartilhados, a palavra escrita trouxe a possibilidade de uma cartografia dentro da qual meu pensamento reverberava entre a realidade do que vinha como conhecimento e meu modo de aportar o entendimento no que se passava nas discussões, visto que muitas vezes entendo a palavra verbal em contexto.

Encontrei ao longo da minha experiência como deficiente auditiva, formas de lidar com situações em que várias vozes estão presentes em uma mesma discussão; escrevo pequenos enunciados que busco depois relacionar aos livros e textos, das bibliografias propostas. Na pós, isso se tornou uma prática, ao mesmo tempo de grande valor quanto de esforço, afinal, estava num grupo de pessoas ricamente vividas em suas experiências e que traziam para as aulas apontamentos e bibliografias que expandiam ainda mais a qualidade e o volume de informações. Nas anotações buscava juntar os fios dessa urdidura, relações entre palavra escrita, palavra verbal e o contexto. Confesso que quando tudo parecia fazer sentido, sentia nesse momento como que uma luz acesa sobre os livros!

Ao longo da viagem, a presença dos menires chamava a atenção do viandante, comunicando-lhe a presença de fatos singulares e dando-lhe informações relativas aos outros terrenos à volta, informações úteis para a continuação da viagem, como mudanças de direção, pontos de passagem, bifurcações, passos e perigos. (5) CARERI, p. 55.

Descobri ao longo da caminhada na arte e educação que a palavra é um menir, marco, sinal, presença, lugar onde busco um norte, uma rota para direcionar o pensamento, o conhecimento e a partilha.

A bibliografia e a pesquisa são menires de caminhos possíveis à construção do conhecimento, pois, quando compartilhados e vividos em suas potencialidades, nos trazem novas propostas e pensamentos sobre a experiência.

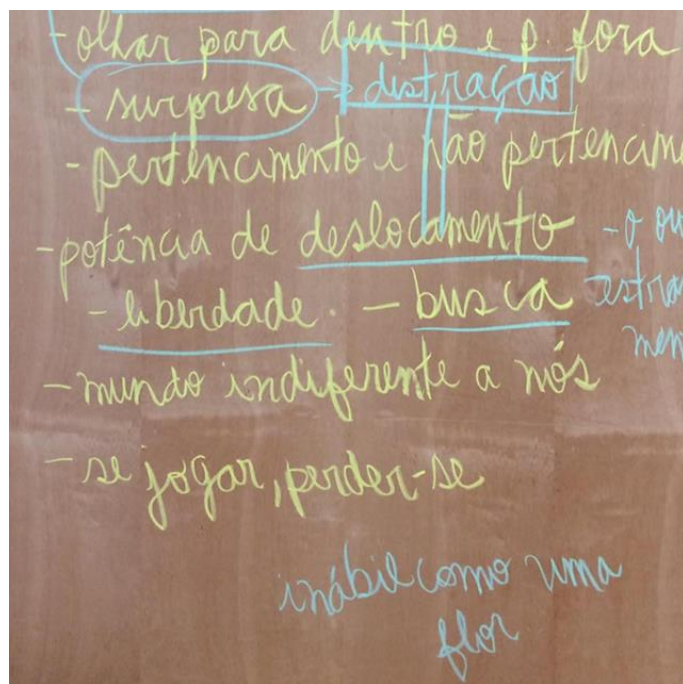


Figura 4 - MÓDULO I – CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2017.



Figura 5 - MÓDULO I – CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2017.



Figura 6 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada - SP

Fonte - Lea Moraes, 2017.



Figura 7 - MÓDULO III – CAMINHADA INTERDISCIPLINAR – ARTE E EDUCAÇÃO - Casa Tombada - SP

Fonte - Lea Moraes, 2018.

PARTE IV

HABITAR A CIDADE: Uma reflexão entre território e corpo

O enunciado, “Caminhada como método para arte e educação”, tornou-se, ao longo dos 18 meses de experiência, a capacidade de entender os deslocamentos e as buscas do humano nesse habitar terrestre, seja pela vontade ou necessidade de novos territórios, seja para poder adaptar-se a um lugar, ao longo da história e na reflexão de nossa atualidade, apontando para novos caminhos e posturas tanto do artista quanto do lugar da arte e do fazer artístico.

Percebo que as expansões dos territórios, o acesso a novas culturas e a necessidade de nomadismo, de novas paisagens, trouxeram consigo um novo papel para que o artista, misturado ao cotidiano e suas tensões, se envolvesse de forma a transmutar o espaço ordinário e comum em espaço para manifestar a linguagem artística e estar mais perto do observador, traçando caminhos para refletir e se expressar através da experiência viva de habitar junto, uma ideia, uma proposição.

Nas derivas que fizemos e mesmo no caminhar para estar n’A Casa Tombada a cada início de atividades do mês, a cidade sempre foi um corpo vivo, interagindo e transformando minhas percepções sobre ser e estar junto a esse corpo.

Entendo que, ao artista caminhante, é essencial a transcrição desse nosso tempo, por estar junto e misturado ao cotidiano, apropriando-se desse deslocar-se, não sendo apenas um *flâneur* que deixa planar seu olhar sobre as coisas, mas as vive de forma a sentir e habitar junto.

Arte, cotidiano e vida se entrecruzam e se misturam nesse caminhar, pois são formas essenciais de estar, agir, conscientizar e modificar a realidade.

Faz-se necessária a percepção de novas sensibilidades e realidades (sociais, políticas, econômicas e culturais) para que a consciência geral seja despertada ao se tentar diálogo sobre o habitar do homem, seu cotidiano e lugar e a arte e suas praxes; hoje o artista está na rua, no território aberto e expandido da cidade, num discurso direto e sensível que se pode construir nesse percurso/experiência.

Nesse contexto, as palavras, enfrentamentos, zonas de conflito e territórios desconhecidos são mais do que indicativos da atual situação de produção e percepção ao se tornar caminhante na cidade e da cidade, em que o artista traça novos papéis e novas funções para a arte, afinal, a convergência das formas de construção de linguagens se dá pela urgência da comunicação, bem como da modificação e presença deste como motivador de novas sensações e percepções, apreendidas em seus deslocamentos e em seu caminhar. Nisso é

possível entender o conjunto de relações e sobreposições de camadas e conceitos variáveis que denotam a rua e o corpo do artista como corpo/obra, criação e criatura, entrelaçadas na presença desse corpo em movimento e reverberação constante.

“Quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre o “olhe-me” e o “olhe isso””. (6) BOURRIAUD, p.33.

Dentro dessa esfera de reflexões, esse corpo aproxima-se de um movimento relacional com o meio e o que percebemos hoje na produção contemporânea, inserida no campo expandido da cidade através das derivas e caminhadas propostas por artistas para estar em contato direto com a construção de uma experiência e novos modos de vivenciar e presenciar tais mudanças e seus contextos (sociais, humanos, políticos, etc), transformando-os nas mais diversas linguagens da arte, o que se apresenta como realidade desse tempo, dessa temporalidade.

“Em suma, a obra suscita encontros casuais e fornece pontos de encontros, gerando sua própria temporalidade.” (6) BOURRIAUD, p.41.

Em derivas, intervenções urbanas, ocupações e ações de rua, o artista se faz presente no cotidiano das pessoas, extrapolando o museu e aquilo que entendíamos como o lugar da arte (o espaço institucionalizado), ganhando corpo através da necessidade de se misturar e transcrever o cotidiano numa dialética direta do emissor (artista) e o receptor (observador), e nessa via de percurso e lugar são construídas novas definições para conceitos que nos colocam no papel como indivíduos ativos e participativos.

O artista lida com questões pertinentes a seu tempo, inquietações relacionadas ao meio onde vive, tornando-se hoje o agente catalisador de todo o caos da cidade nesse habitar-se. A cidade por sua vez é um ser vivo, respira e provoca as mais variadas reflexões, ganhou o status de “ser” da obra e é nesse espaço que muitos buscam o enfrentamento tanto com o meio urbano quanto com esse espaço, e assim o artista instiga o observador, interfere no cotidiano, saípara a rua, percebe o espaço e busca junto ao outro essa presença e a quebra de paradigmas sobre o lugar da arte, visto que ali, em meio à cidade, estão também obra e assunto, sendo essa obra, muitas vezes uma experiência efêmera em seu tempo e potente em sua reverberação.

Resumindo, o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. (7) DUCHAMP, p.74

Assim o artista busca o outro, o público nesse cotidiano, e em meio a esse dia a dia, constrói o lugar de articulações e dialéticas para a produção contemporânea. Construir experiências e experimentar a aproximação com a

prática artística e o entorno é um movimento, uma busca de conscientizar e sensibilizar o outro para a arte sem hierarquia e sem pedestais.

Se reconhecermos que a comunicação fornece à sociedade o elo indispensável a seu funcionamento, o papel da linguagem e seu exercício se tornam dominantes. É por intermédio da linguagem que se estruturam não somente os grupos humanos, mas ainda a apreensão das realidades exteriores, a visão do mundo, sua percepção e sua ordenação.” (8) CAUQUELIN, p.62.

Novos modos de ser e estar dialogam com as questões da criação e da vida. Os papéis tanto do artista quanto do observador são o de colher uma informação, identificar-se com ela e construir, a partir desse encontro, uma esfera de possibilidades de se estar no mundo.

Nos vãos construídos entre obra e o observador, percebemos que tanto a arte como o artista buscam novos lugares para existirem, respirando junto a cidade, querendo a aproximação com o outro, tentando transformar o olhar muitas vezes tumultuado e apressado do cotidiano do observador em algo ressignificado através de sua presença e ação.



Figura 8 - MÓDULO II – CAMINHADA NA PAISAGEM URBANA E NATURAL – MAPA E TERRITÓRIO – Deriva - São Paulo

Fonte - Moyra Madeira, 2018.

PARTE V

HABITAR-SE DE: No humano, a memória dos dias

... fazer uma experiência com algo significa que algo nos tomba e nos transforma... Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para outro ou no transcurso do tempo. (9) HEIDEGGER, p. 143.

Das experiências sensíveis e potentes desse caminhar pela arte, educação e vida, foi se modelando um corpo que absorve, observa e que, em sua porosidade, acumula o viver e busca, através da arte, apresentar de forma poética o habitar e ser habitado nessa travessia. Para tanto, o corpo-morada é também o corpo que como pele, se expande para sentir mais e devolver ao cotidiano um modo de estar junto para junto criar novas redes e novos rumos à percepção do corpo que se move e se faz instrumento de linguagem.

Cada encontro foi a real vivência de experiências das mais variadas, sejam as oferecidas e propostas pelos professores, sejam pelos diálogos e conversas generosas entre o grupo. O que percorreu todo o trajeto foi o estar disponível, o querer conhecimento e o compartilhamento deste em vias de novidades, de proposições de acordos estabelecidos para que nosso olhar fosse consciente do entorno e abrangência da expansão das reflexões sobre as práticas artísticas junto ao atávico pensamento humano.

“Se um ser é consciência, é preciso que ele seja apenas um tecido de intenções.” (10) MERLEAU-PONTY, p. 172.

Extensão de uma experiência vivida, a transcrição em palavras daquilo que nos toca e nos atravessa no percurso entre caminhar e refletir, busca também morada no exercício da construção de pensamento compartilhável; a escrita se torna agora suporte e transcrição de tudo o que foi absorvido por porosidades que em contato com a consciência expande o pensamento e une fios e tramas desse tecido humano.

“Não é só o conhecimento que é necessário, mas também a compreensão, o acordo com os nossos próprios meios e fins e pulsões, o que significa a possibilidade de exercer um domínio sobre as próprias inclinações e ações, que as controle e dirija, mas que não as limite as sufoque.” (11) CALVINO, p. 66.

Nesse campo de inquietações na busca por tentar devolver ao mundo um pouco daquilo que se faz experiência. A palavra se instaura em todos os tempos do verbo, criando pontes possíveis para reverberações sobre esse caminhar. O quanto se caminhou e o quanto ainda vamos percorrer caminhos e nos perguntarmos: para onde ir?

Arte, cultura, caminhar, caminhante, território, cartografia, céu, terra, viver, ser peregrino no caminhar, no olhar, nas palavras, nos textos, nos livros, nos olhares, nas paisagens... sejam elas um território de si, do outro, do mundo... ser experiência na consciência do agora, sendo como um mapa de tudo aquilo que atesta o caminhar, a trajetória, a travessia.

A vida de uma pessoa consiste num conjunto de acontecimentos no qual o último poderia mesmo mudar o sentido de todo o conjunto, não porque conte mais do que os precedentes, mas porque, uma vez incluídos na vida, os acontecimentos dispõem-se segundo uma ordem que não é cronológica, mas que corresponde a uma arquitetura interna...
(11) CALVINO, p. 68.

A caminhada continua para além de uma rota estabelecida e marca, em tempos e momentos, um modo de chegada para novas partidas, novas reflexões, novos territórios... na arte, na vida, faz-se necessário o sair de si em encontro ao outro, o buscar do lugar, do espaço, da consciência.



Figura 9 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha - SP

Fonte - Mariana Galander, 2017.

PARTE VI

DESEJO DE LINGUAGEM: Corpo disponível

“Nada restará de nossos corações. Cada uma de nossas partículas retornará a seu elemento. Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros.”

(1) LARROSA, p. 113.

Eis uma produção que - acontecendo e tal como a experiência - tem o índice de efemeridade, fugacidade e tentativa de apreender um instante nesse tecido extenso de palavra e vida, fez-se de um corpo pronto a se fazer presente em proposições que acionavam o desejo de estar junto e se por a participar inteiramente das mais diversas proposições.

Abaixo, imagens de trabalhos e ações desenvolvidas ao longo da caminhada:



Figura 8: MÓDULO I CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada – SP

Fonte - Lea Moraes, 2017



Figura 9 - MÓDULO I - CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada – SP

Fonte - Lea Moraes, 2017



Figura 10 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha- SP

Fonte - Lea Moraes, 2017



Figura 11 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha - SP

Fonte - Lea Moraes, 2017



Figura 12 - MÓDULO III – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA, CADERNOS DE VIAGEM E ESTRUTURAS NARRATIVAS- Casa Tombada - SP

Fonte - Lea Moraes, 2018.

PARTE VII

RASTRO DE VIAJANTE: Pausa para olhar a ação

“A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la.”
(1) LARROSA, p. 74.

Durante todas as imersões fomos instigados a dialogar tanto com reflexões e textos, quanto com o corpo e o espaço urbano, nisso os veículos para traduzir ou reverberar as propostas se tornaram dispositivos fortes para insights de produção de material composto.

A vida como a experiência é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. (1) LARROSA, p. 74.

Digo assim, pois as ideias e as possibilidades vinham de uma intensidade contida nos propositores e nos assuntos, sugestionando práticas e formas de linguagens das mais variadas, em mim o corpo foi um grande depósito dessas possibilidades, coisas que me atingiam com potência viraram desenhos, pequenas intervenções, imersões em derivas, anotações e ações imediatas que me atravessaram de forma tão potente, que serão ecoadas ao longo de uma jornada que sei, continuarei, sem saber o seu fim, mas completamente atenta a seu percurso.



Figura 13 – MÓDULO I - CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada – SP

Fonte - Lea Moraes, 2017.

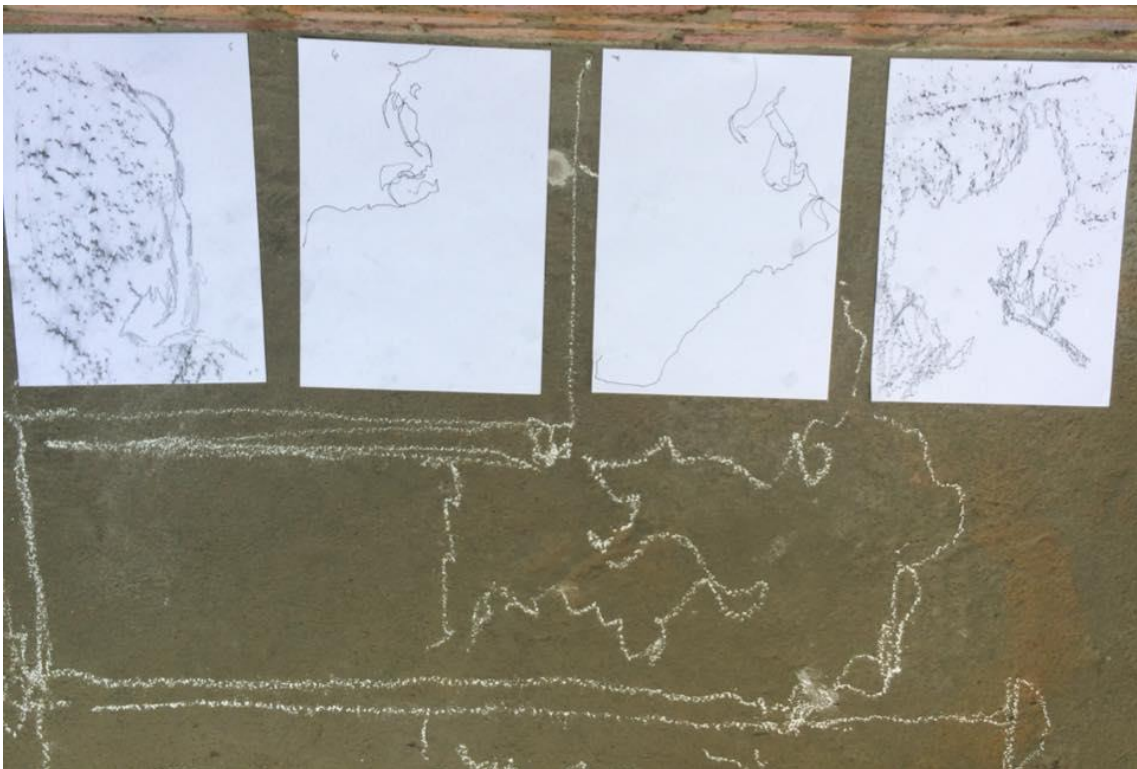


Figura 14 – MÓDULO I - CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada SP

Fonte - Lea Moraes, 2017.



Figura 15 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha - SP

Fonte – Lea Moraes, 2017.



Figura 16 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha - SP

Fonte – Lea Moraes, 2017.

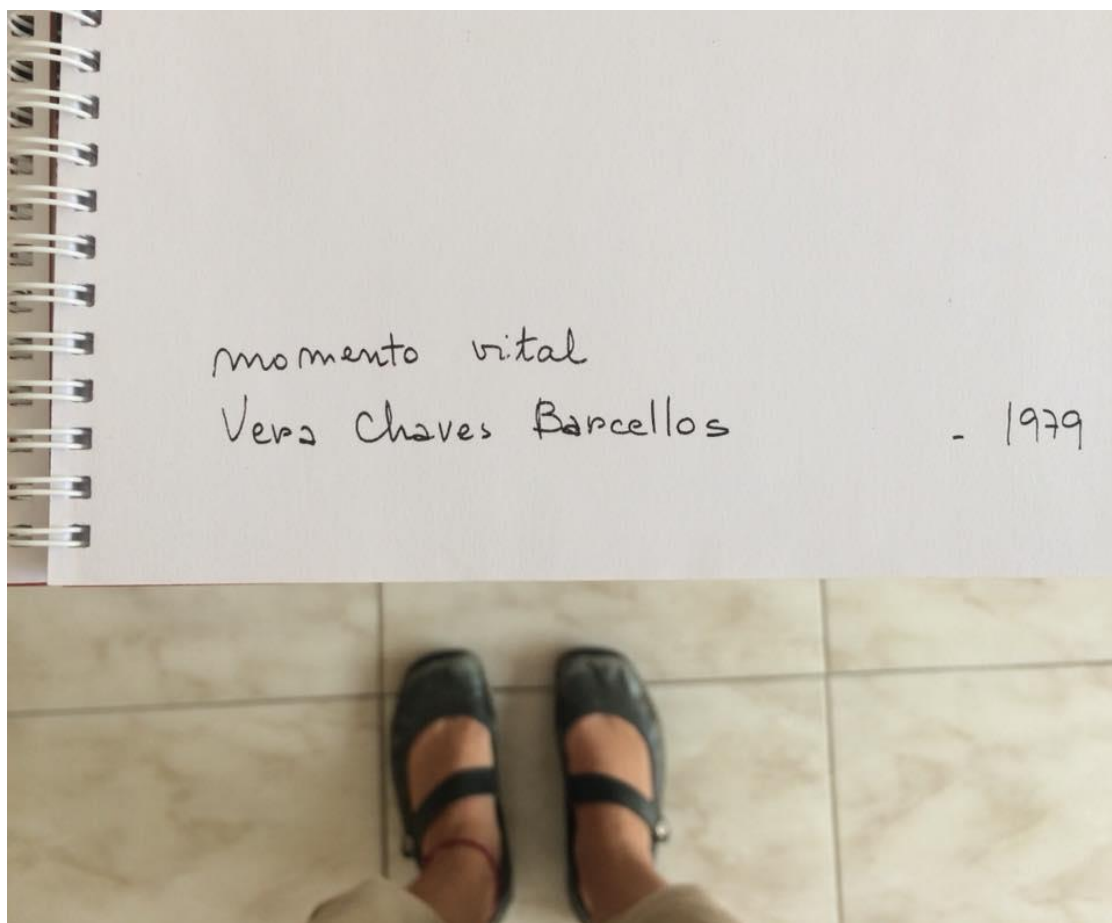


Figura 17 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.

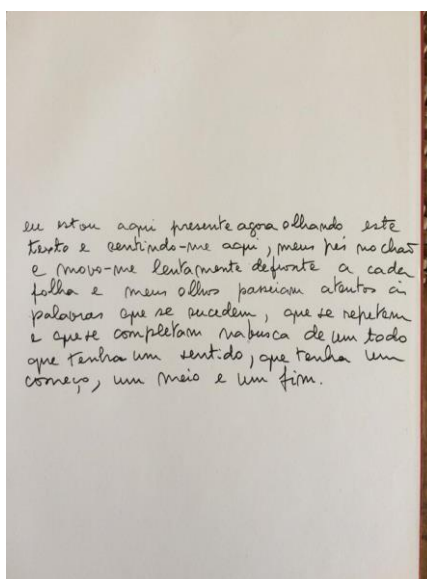


Figura 18 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.

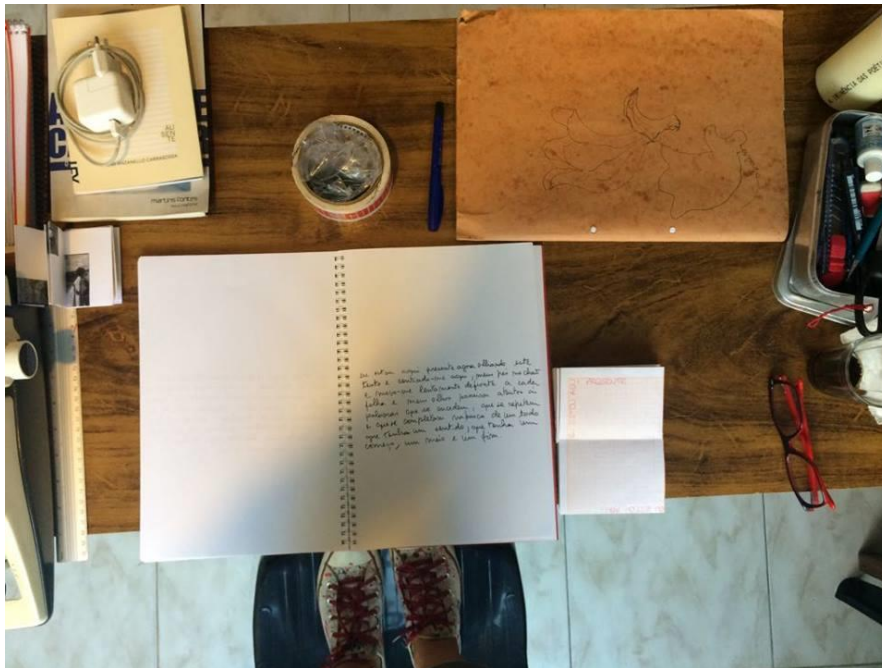


Figura 19 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.



Figura 20 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.

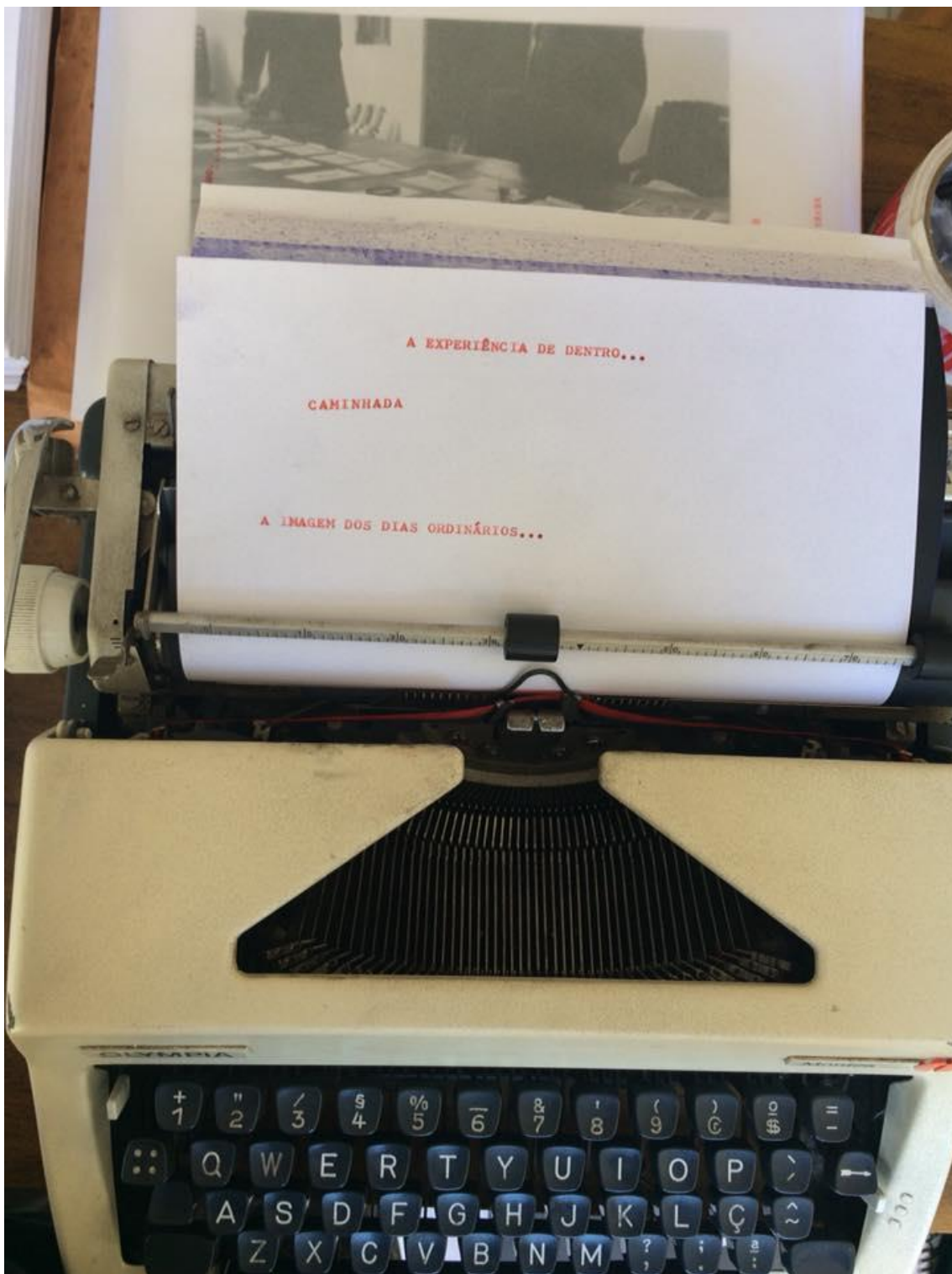


Figura 21 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.



Figura 22 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.



Figura 23 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte - Lea Moraes, 2018.



Figura 24 - MÓDULO III – CAMINHADA INTERDISCIPLINAR – ARTE E EDUCAÇÃO – Casa Tombada - SP

Fonte - Lea Moraes, 2018.

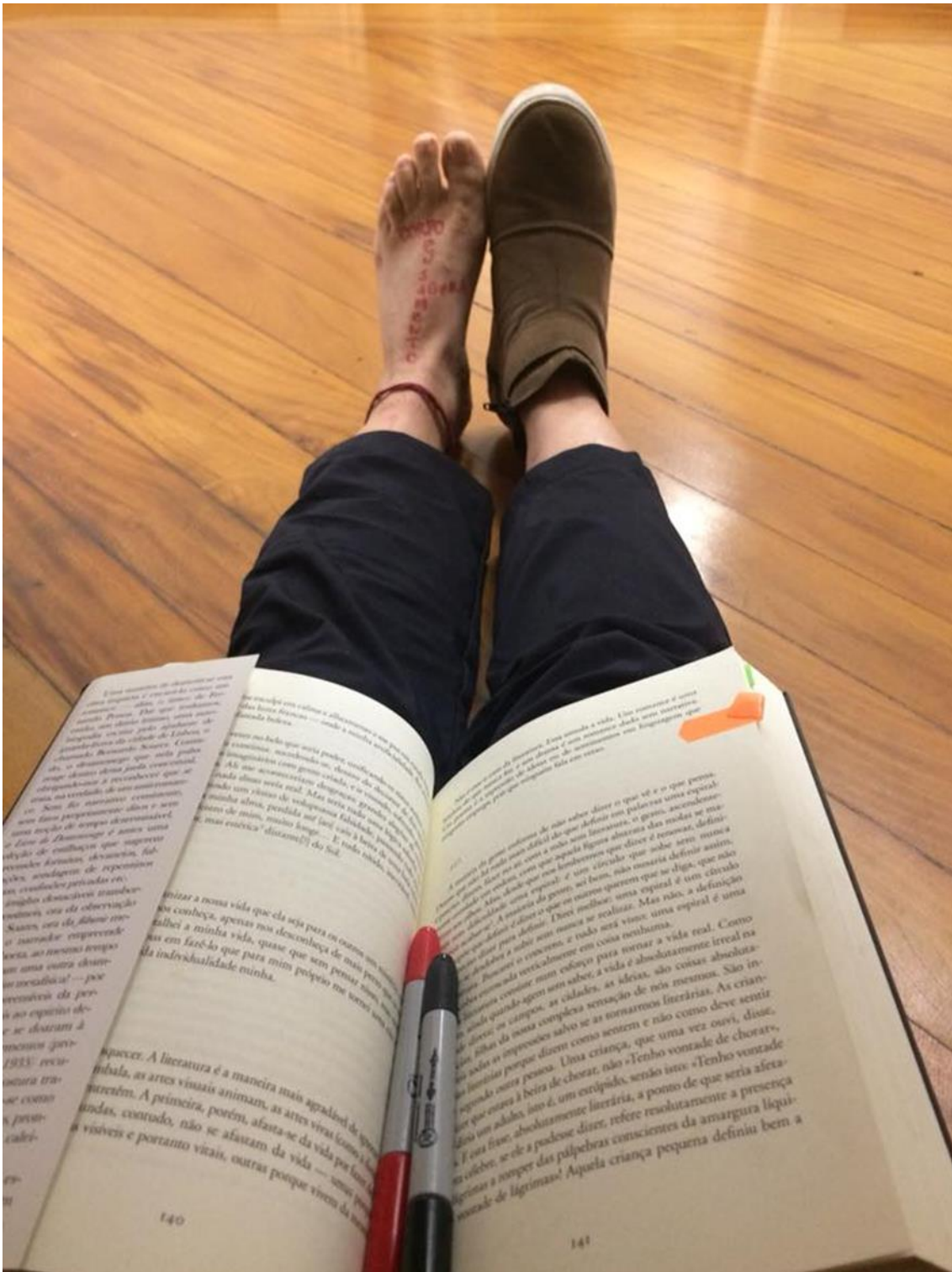


Figura 25 - MÓDULO III – CAMINHADA INTERDISCIPLINAR – ARTE E EDUCAÇÃO – Casa Tombada - SP

Fonte - Lea Moraes, 2018.

PARTE VIII

MATÉRIA DE RASTROS: O que de fato fica?

“O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.” (1)
LARROSA, p. 30.

Inquietada e imersa por enunciados e proposições dos mais variados, nas conversas e nas trocas durante os encontros, me arremessei nas propostas apresentadas, percebi que o corpo era todo um movimento, queria e caminhava para estar, para também ser um conteúdo, aglutinando, recebendo e depois devolvendo para o campo da linguagem, o que vinha de encontro. Foram várias intervenções, desenhos, ações de performance *in loco*, efêmeras, num atravessamento de meu corpo nos espaços e do tempo em que aconteciam os encontros da Pós.

Seguem imagens de registro como retorno de minhas ações. Edith me ajudou a entender tais imagens como espelhamento, projeção, do que o outro vê e registra de minhas ações de performance; efêmeras pela própria natureza da linguagem.

IMAGENS DO OUTRO:



Figura 26 – MÓDULO I - CAMINHADA NA LITERATURA E NA FILOSOFIA – Casa Tombada – SP

Fonte – Julli Pop, 2017.



Figura 26 - MÓDULO I – CAMINHADA COMO PRÁTICA POÉTICA – OBSERVAÇÃO, MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO – Fazenda Serrinha - SP

Fonte – Edith Derdyk, 2017.



Figura 27 – MÓDULO II – CAMINHADA E CORPO: DO FUNCIONAL AO POÉTICO – Casa Tombada - SP

Fonte - Tati Fecchio, 2017.



Figura 27 – MÓDULO II – CAMINHADA E CORPO: DO FUNCIONAL AO POÉTICO – Casa Tombada - SP

Fonte - Tati Fecchio, 2017.

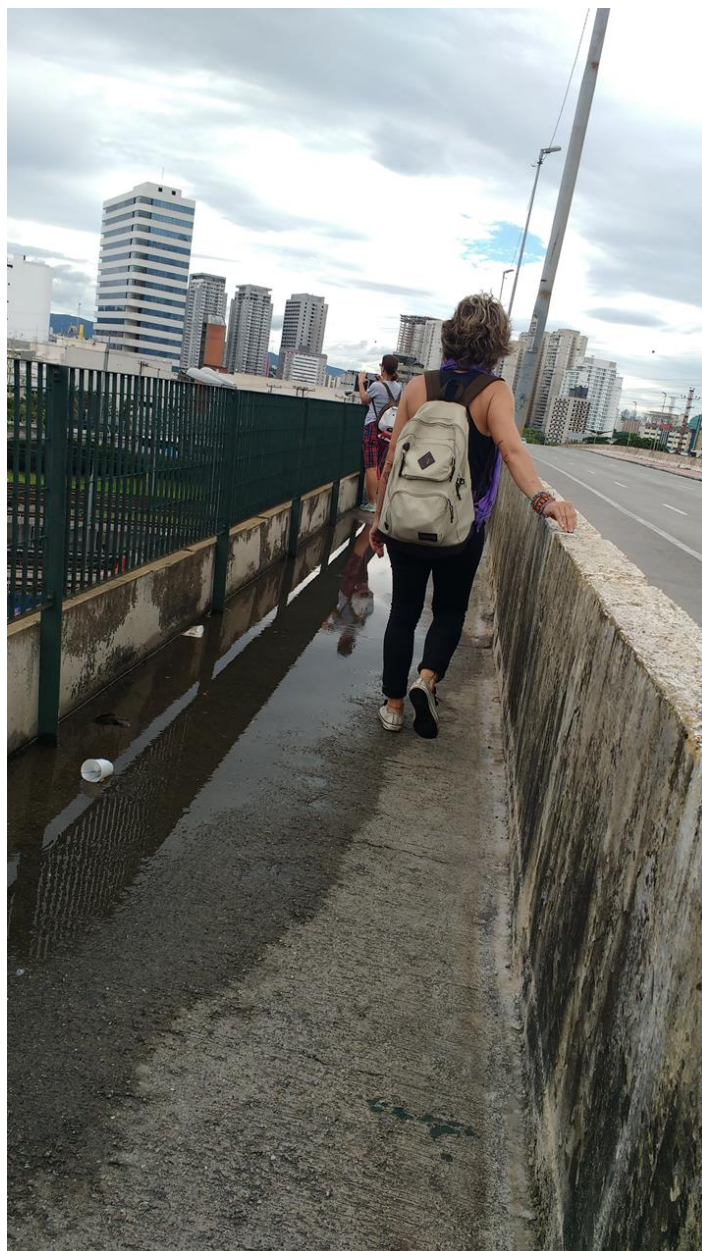


Figura 28 – MÓDULO II – CAMINHADA NA PAISAGEM URBANA E NATURAL – São Paulo-SP

Fonte – Edith Derdyk, 2017.



Figura 29 – MÓDULO II – CAMINHADA NA PAISAGEM URBANA E NATURAL – São Paulo-SP

Fonte – Suzana Moreira, 2017.



Figura 30 – MÓDULO II – CAMINHADA NA PAISAGEM URBANA E NATURAL – Casa Tombada - SP

Fonte – Edith Derdyk, 2017.

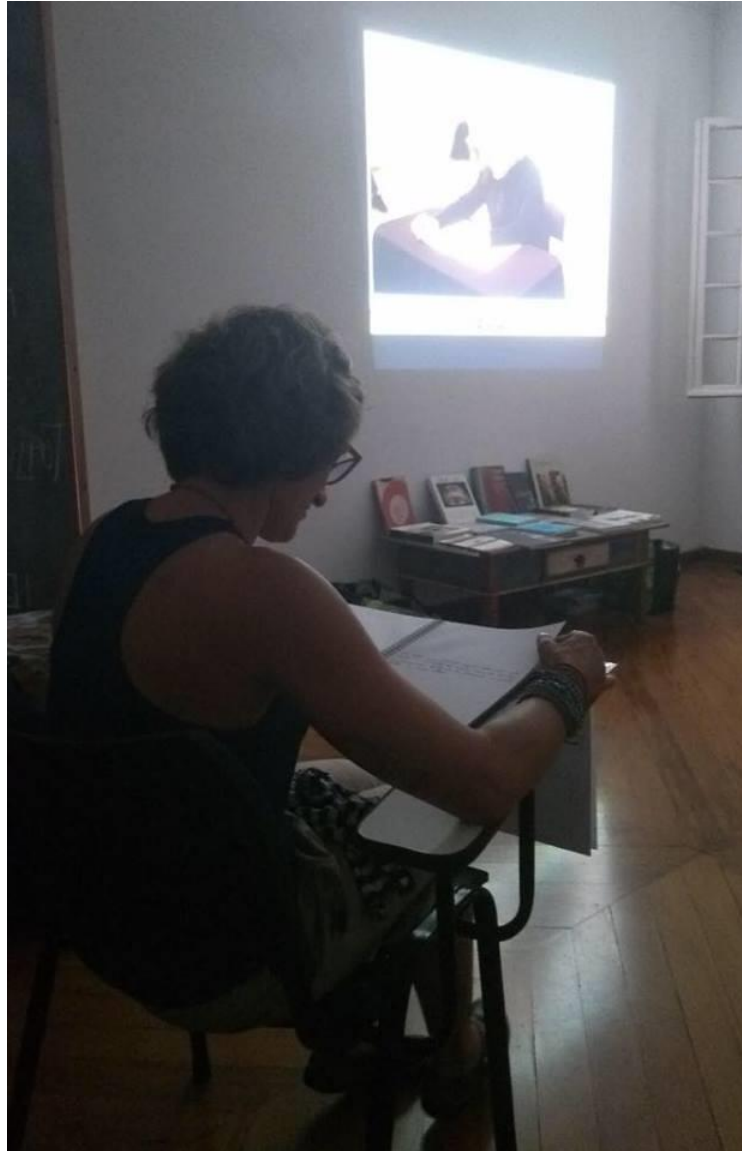


Figura 31 - MÓDULO II – CAMINHADA E AS MODALIDADES DE REGISTRO: LIVRO DE ARTISTA – Casa Tombada

Fonte – Leticia Oliveira Mello, 2018.



Figura 32 - MÓDULO III – CAMINHADA INTERDISCIPLINAR – ARTE E EDUCAÇÃO – Casa Tombada - SP

Fonte – Julli Pop, 2018.



Figura 33 - MÓDULO III – CAMINHADA INTERDISCIPLINAR – ARTE E EDUCAÇÃO – Casa Tombada - SP

Fonte – Erica Campos, 2018.



Figura 34 - MÓDULO III – ORIENTAÇÃO E PRODUÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO – Casa Tombada - SP

Fonte – Leticia Oliveira Mello, 2018.



Figura 35 - MÓDULO III – ORIENTAÇÃO E PRODUÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO – Casa Tombada - SP

Fonte – Erica Campos, 2018.

PARTE IX

NO CORPO: A experiência

No corpo a experiência...

A experiência no corpo...

Deslocamentos, reverberações, novas percepções...

Do mundo,

No mundo...

Viver, absorver, caminhar, observar, transcrever, reinventar...

O que nos atravessa na travessia...

Habitar-se de escuta,

Habitar-se de silêncios,

Habitar-se de palavras, de momentos...

Habitar-se do conhecimento compartilhado, oferecido, dado, doado...

Habitar-se da escrita, da escritura...

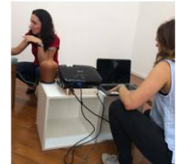
Habitar-se do pensamento que chega, nos move e nos comove,

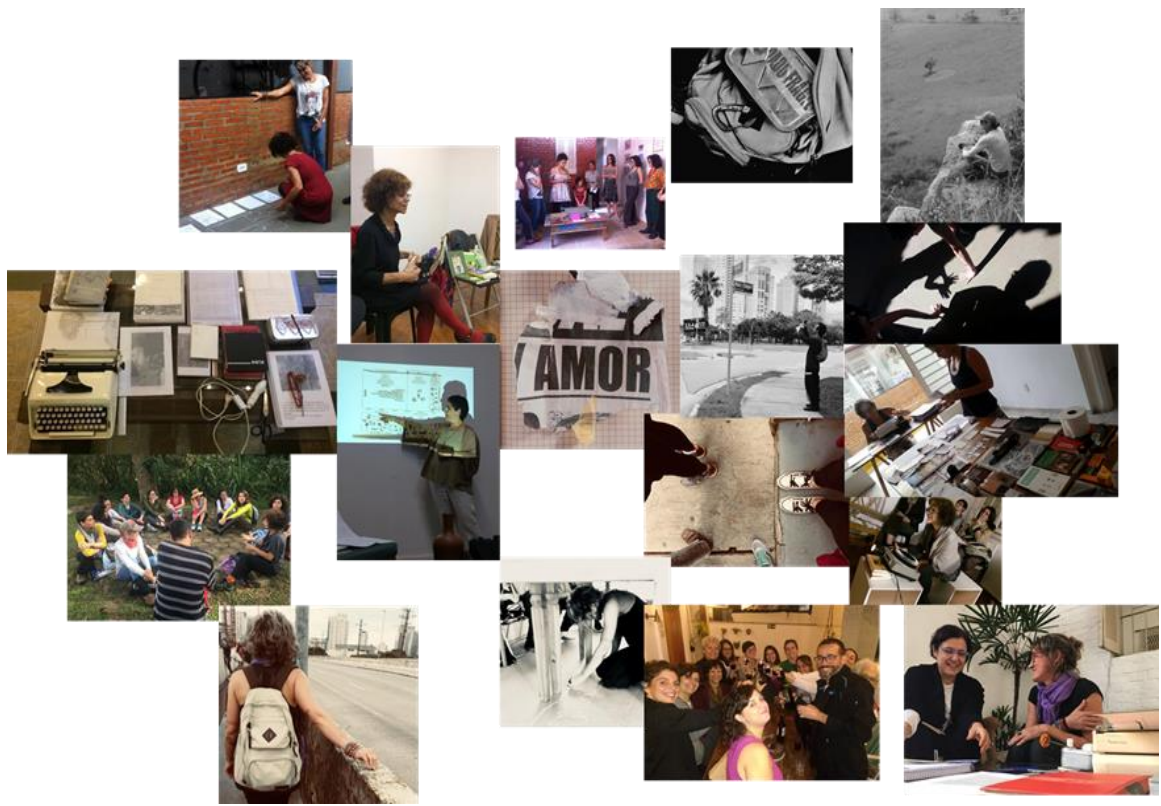
Nos transforma, nos acende, nos derruba....

Inquietar-se na jornada, ter poeira nos sapatos e vontade de lágrimas...

Acordar estados dormentes, imersos pela rotina...

Percebendo a escrita desenhada do mundo...





Emprestar os olhos as palavras daqueles que vieram ao mundo e que dessa experiência de ser e sentir transformaram o suor da travessia em palavras de ontem, hoje e sempre... água fresca no deserto do mundo...

Habitar-se do novo que já nasce velho...

Das transcrições em palavras, em fala, em escrita e verbo de um autor que é o pão nosso de cada dia...

Do saber experimentado e compartilhado nas alegrias e inquietações do viver...

Inquietação de um outro que habita todos nós....

Habitar-se de apreender no tecido do corpo esse jogo entre ser corpo/espço/tecido/vida.

Habitar-se de enunciados, do enunciar... sentir na pele do corpo o transcurso do tempo, dos mundos vividos, percorridos, descritos nesse tecido....

Habitar-se de tudo o que nos permite vivos para a eterna novidade do mundo...

Lea Moraes, julho de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ordinário e o extraordinário de uma decisão.

“O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.”

(12) CETERTEAU, p. 63.

Foram 18 meses de convivência mas, em sua intensidade e verdade, uma vida toda. Cheguei n'A Casa Tombada, para a entrevista com Edith Derdyk e Giuliano Tierno, trazendo comigo um desejo grande de novas descobertas que pudessem reverberar meu ser artista e professor. Como tudo se daria como as coisas se fariam possíveis, não sabia, mas o coração foi na frente e tudo se fez.

Desde o primeiro dia da pós até a escrita desse texto, o sentimento mais intenso é de gratidão por essa caminhada cheia de paisagens, vistas, horizontes, utopias e realidades. Foi um momento de minha vida onde se condensou a experiência e o conhecimento através do atravessamento.

Na construção e expansão de territórios internos e externos, me senti participante do mundo, habitando cada proposição, cada módulo, cada encontro.

Caminhante no caminho: GRATIDÃO.

“É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (1) LARROSA, p. 26.

Chego ao final deste relato com memórias do percurso e gratidão aos que caminhando junto, transformaram meu caminhar:

Edith Derdyk, por todo amor e gana ao ofício, tu, de modo atávico, caminha adiante abrindo caminho para ao caminhar da gente!!

Giuliano Tierno, testemunha inicial e ativa da minha caminhada, acreditou nos meus sonhos junto a A Casa Tombada. Tu, um Narrador com toda força de teus propósitos, e toda doçura do viver me fez entender o valor que de fato habita na palavra decidir.

Angela Castelo Branco, você foi a primeira pessoa a quem manifestei o desejo dessa pós, tu me disse: Venha!

Amanda, Angela, Cláudia, Edinaldo, Érica, Gabrielle, Juliana, Julli, Leticia, Moyra, Mati, Nati, Silvia, Suzana, Tati, vocês em suas particularidades, conhecimento e generosidade tornaram a paisagem do caminho em algo singular.

Todos os professores dessa Caminhada: Alice Ruiz, Carla Caffé, Cecília Sallles, Edith Derdyk, Galciani Neves, Inês Bonduki, Lua Tatit, Marcelo Semiatzh, Noemi Jaffe, Peter Pál Pelbart, Renan Marcondes, Renato Hofer, Rita Mendonça, Rodrigo Gontijo, Stela Barbieri, Tamara Andrade, quanta satisfação em relembrar cada encontro!

À Iara, que me guiou de forma generosa até A Casa Tombada no dia de minha entrevista, aprendi o caminho e fiz dele uma rota para grandes experiências.

À Regina, que me abrigou por muitas noites, escutou minhas alegrias e meus arrebatamentos quando fez de sua casa minha morada.

Suzana e Lê pela carona solidária, conversas, caminhadas, carinho e toda ajuda amorosa e providencial.

Gabriel, filho querido e amado que entendeu os dias e as noites de livros espalhados e mãe correndo pra dar conta da viagem, da carona, do metrô, do horário e do viver.

Aos amigos e minha mãe por todo suporte nos dias em que precisei muito, foram vários...

Vislumbrando uma nova curva no caminho e o devir, concluo que a Caminhada como método para a arte e educação está em meu tecido humano como uma experiência artística para toda vida.

Apoiada e amparada nas palavras de Fayga Ostrower, digo um até breve cheio de alegria e gratidão;

“As aulas não visavam fornecer simplesmente certas informações. Visavam enriquecer as pessoas. Achei oportuna a proposta de falar sobre a sensibilidade de cada um, ainda mais sabendo muito bem que é a partir da mobilização interior que se realiza a experiência artística. E, talvez, não só a experiência artística. A meu ver nada pode ser feito sem paixão.” (13) OSTROWER, p. 85.

Que apaixonados pelo saber, pela arte e educação, sigamos caminhando... é preciso, é necessário, é essencial.

BIBLIOGRAFIA

- (1) LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência, 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2014.
- (2) COVERLEY, Merlin. A arte de caminhar; o escritor como caminhante, São Paulo, Martins Fontes, 2014
- (3) BACHELARD, Gaston. A poética do espaço, Coleção Tópicos. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- (4) MAFFESOLI, Michel. Sobre o nomadismo, Rio de Janeiro, Editora Record, 2011.
- (5) CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética; prefácio de Paola Bernestein Jaques. São Paulo, Editora G. Gili, 2013.
- (6) BOURRIAUD, Nicola. Estética Relacional. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- (7) DUCHAMP, Ato criador, PDF
- (8) CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo, Martins, 2005.
- (9) HEIDEGGER, M. La esencia del habla. In: De caminho al habla. Barcelona: Serbal, 1987.
- (10) MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção, 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- (11) CALVINO, Ítalo. Palomar, PDF
- (12) CERTEAU, Michel de. L'Invencionduquotidien, Paris, Gallimard, 1990.
- (13) OSTROWER, Fayga. Universos da arte; Revisão técnica Noni Ostrower, 1 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.